

SOBRE A ‘NATURALIZAÇÃO’ DA DOMESTICIDADE TELEVISIVA: uma problematização e um protocolo para a observação empírica

SILVEIRA, Fabrício

Bacharel em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo)
pela UFSM; Doutorado em Comunicação na Universidade do
Vale do Rio dos Sinos.

E-mail: fabriciosilveira@zipmail.com.br

RESUMO

Voltando-se à noção de mediação situacional (no modelo mais clássico das Pesquisas de Recepção), o texto problematiza a ideia da ‘natural domesticidade televisiva’. A partir daí, a intenção é formular um protocolo de observação etnográfica - a listagem de tópicos a serem considerados em futuras pesquisas de campo - que possam redundar na ampliação das sistematizações (empíricas e interpretativas) referentes aos cenários, aos contextos e às diversas (e sempre surpreendentes) situacionalidades da audiência televisiva.

Palavras-chave: Domicidade Televisiva. Observação etnográfica. Audiência televisiva.

1 A 'NATURALIZAÇÃO' DA SITUAÇÃO-TEVÊ

Classicamente, os estudos etnográficos sobre consumo dos meios (vinculados disciplinarmente à matriz anglo-saxã dos Estudos Culturais ou à corrente latino-americana dos Estudos de Recepção) entendem o espaço doméstico e o núcleo familiar como unidades estruturais básicas da situacionalidade estandardizada da audiência televisiva. Muito freqüentemente, quase na totalidade destes trabalhos, as descrições de campo tomam o lar como unidade geográfica e a família como unidade sociológica mínima de análise. Além de processarem os ritmos e as dinâmicas domésticas, estas monografias etnográficas registram a composição dos ambientes (no recurso também freqüente às fotografias como suporte metodológico), as falas e as reações ocorridas efetivamente diante do aparelho televisor. Assim, textos modelaresi [2] como os de Lull (1992), Silverstone (1996) ou Leal (1986), além de organizarem *genogramas* ou amplas genealogias, compondo, eventualmente, a árvore familiar e evidenciando a transmissão de hábitos e capitais culturais, se empenham sobretudo na descrição das peças da casa, indicam a disposição dos móveis, enumeram todos os demais objetos que, porventura, possam compor *significativamente* um determinado cenário (e um determinado presente) sócio-cultural. Estes contextos vivenciais - acessados pela observação etnográfica e/ou reconstruídos diacronicamente - são entendidos tanto como índices de *grades interpretativas*, de um determinado repertório previamente constituído (repertório de classe, de gênero, de formações ou de campos sociais específicos), quanto como *instância de ressemantização*, orientadora das apropriações e dos usos *a serem feitos*, tendencialmente, dos produtos e dos conteúdos ofertados pelo meio televisivo. O etnógrafo, diz Aníbal Ford (1999, p.216) um tanto ironicamente, referindo-se aos trabalhos emblemáticos de David Morley e Roger Silverstone,

vive e partilha com a família a aventura televisiva. Anota cada gesto, cada disputa pelo direito da tela, o *zapping* junto à trama ou ao intervalo, os comentários, as risadas e as queixas, as idas ao banheiro ou à cozinha. Mas isso não lhe basta para entrar nos profundos perigos da recepção, no sentido que dá ao programa cada um dos componentes do doce lar. Complementa sua pesquisa com outros

elementos: o diário de usos do tempo, o álbum de fotografias familiares, a planta que cada componente realiza ou projeta de seu próprio lar, ou o de sua relação com parentes e vizinhos. As técnicas qualitativas são insaciáveis.

Compartilhado, em suas linhas gerais, por vertentes diversas dos *estudos culturais* (tomando agora o termo em sua acepção mais ampla e flexível, de modo a referir também, em função dele, aos *estudos culturais latino-americanos* [3]), o olhar etnográfico sobre a recepção televisiva, com todo o detalhamento e a minúcia (quase caricaturais) nos quais redonda, enfatiza largamente a *domesticidade* [4] da audiência. O bom entendimento das dinâmicas de interpretação, da processualidade mediada dos juízos e dos sentidos atribuídos e/ou extraídos dos conteúdos midiáticos dependeria de uma imersão profunda no *cotidiano* da assistência. Desta forma, *domesticidade* e *cotidianidade* tornam-se noções mutuamente implicadas. O lar (entendido com realidade fenomenológica-existencial), a moradia (como realidade econômica-geográfica) e a família (tomada como realidade sociológica) seriam *corporalizadores empíricos* da *cotidianidade social* da audiência. A fúria descritiva e catalogadora do pesquisador de campo, embalado na “aventura televisiva” (para recuperarmos as palavras de Ford), privatiza, em forte medida, a vivência cotidiana.

Em *Dos Meios às Mediações* (Martín-Barbero, 2000), por exemplo, a *cotidianidade familiar* recebe o estatuto de categoria teórico-metodológica, figurando (ao lado da *temporalidade social* e da *competência cultural*) como uma das três instâncias fundamentais de “mediação”^{iv} [5] . Diz Martín-Barbero em sua obra seminal:

Se a televisão na América Latina ainda tem a família como *unidade básica de audiência* é porque ela representa para a maioria das pessoas a *situação primordial de reconhecimento*. E não se pode entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família sem interrogar a *cotidianidade familiar* enquanto lugar social de uma interpelação fundamental (...) (2000, p.305).

Correlatamente, embora mais interessado no exame da natureza e das particularidades técnicas das mídias audiovisuais, Arlindo Machado também corrobora a idéia da *domesticidade televisiva*. Diz ele:

Ao contrário da velha tecnologia do período da Revolução Industrial, dedicada mais à produção de bens públicos, tais como as estradas de ferro, a iluminação urbana e o cinema, a tecnologia surgida no começo deste século [!!] voltou-se particularmente aos bens de consumo individual ou doméstico. Os seus produtos pressupõem formas de vida centradas na casa e na família, formas de vida privadas, correspondentes à situação de largos setores da classe média e da pequena burguesia da época. O rádio e a televisão são produtos típicos dessa conjuntura e jogam, portanto, com um

conceito de cultura de massa diferente daquele do século anterior, pois pressupõem o indivíduo isolado em sua privacidade. O aparelho televisor forma um misto de mobília e eletrodoméstico que se adapta bem às circunstâncias domésticas, sobretudo por causa de sua tela pequena (Machado, 1990, p.15-16).

Entretanto - e muito curiosamente -, apesar da ênfase na arquitetura doméstica da recepção, estes mesmos estudos (os mesmos “textos modelares” citados anteriormente, vejamos só) referem, com boa e visível regularidade, a certas *situacionalidades limítrofes*, a determinadas possibilidades de televidência processadas em “zonas híbridas de significação”, a meio caminho entre o público e o privado, num ritmo ambíguo entre a temporalidade repetitiva e marcada do trabalho e a temporalidade fluída ou distendida do cotidiano.

2 PROBLEMATIZANDO A DOMESTICIDADE TELEVISIVA

Antes de analisar o discurso de *Porto dos Milagres* e sua inserção na dinâmica identitária brasileira, é preciso mostrar a compreensão que se tem do processo de constituição das identidades, sendo necessário observar a relação entre subjetividade e intersubjetividade. Cada sujeito tem uma compreensão de seu próprio eu, sua subjetividade – um atributo essencialmente individual, que envolve os sentimentos e pensamentos mais pessoais. “Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (Woodward, 2000: 55). Essa inserção em um terreno cultural e social em que outros sujeitos estão inscritos, cria a intersubjetividade, que é a projeção das subjetividades dos indivíduos de modo cruzado, ou seja, há um entrelaçamento das diferentes subjetividades. Assim, a realidade da vida cotidiana apresenta-se aos sujeitos como um mundo intersubjetivo, em que os sentidos são construídos pela ação e interação dos atores sociais.

Nesse processo de interação, são criados sentimentos de identificação entre os indivíduos, que articulam várias identificações e reconhecem-se como parte integrante ou não de um grupo. Eles marcam o seu lugar no mundo, conjugando semelhanças e diferenças em relação aos outros. Assim, a dinâmica intersubjetiva de constituição dos sentidos é um processo marcado por contradições, por identificação e alteridade. É nesse jogo de reconhecimento de semelhanças e diferenças que as identidades de indivíduos e grupos são articuladas pelos atores em determinados contextos.

Essa é uma das concepções para entender o processo de construção de identidades: um processo complexo, múltiplo e móvel, que se realiza através de uma

dinâmica relacional. Tal concepção, que orienta esta análise,^v [1] quebra o conceito de uma identidade fixa, de um núcleo sólido e compacto, e fala em identidades, em pontos de identificação que proporcionam aos homens sentimentos de pertencimento dentro da rede simbólica em que estão inseridos. Como aponta Hall,

essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2000: 108).

Assim, a identidade não é entendida como essência, como padrão de semelhança que unifica os membros de uma comunidade, como “uma *entidade* espacialmente delimitada, onde tudo aquilo compartilhado pelos que a habitam — língua, objetos, costumes — os diferenciaria dos demais de forma nítida” (Canclini, 1996: 121, grifo do autor). Ao contrário, essa visão refere-se a um processo móvel e fluido, que estabelece o posicionamento e a intervenção de sujeitos, uns em relação aos outros e em relação ao contexto em que estão inseridos: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987 apud Hall, 1999: 12-13).

Mas como as identidades de pessoas e grupos se dão a conhecer? Como os sujeitos se constroem e se identificam como integrantes de um grupo? Como se articulam as diferentes identificações, a sutura dos pontos de semelhanças e a marcação das diferenças? Todo esse processo é realizado através de discursos — as identidades são construídas discursivamente.

Os discursos são entendidos como materialidades simbólicas que exigem a interlocução entre os sujeitos e estão inscritos em contextos. Eles são produtos de, e sempre se dirigem a, interlocutores; não existem em si, ganham materialidade no ato da enunciação.^{vi} [2] Eles são da ordem das práticas sociais inseridas em contextos, dependem das condições sociais de produção, incluindo todo o processo de interação comunicacional — a produção, a circulação e o consumo dos sentidos.

Dizer que as identidades são construídas discursivamente significa sustentar que elas são construídas através de práticas realizadas em determinados contextos pelos atores sociais, que marcam sua experiência no mundo através da palavra e investem de sentido a realidade social: “É precisamente porque as identidades são construídas

dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, por estratégias e iniciativas específicas” (Hall, 2000: 109). Partindo dessa visão, é possível afirmar que os discursos e as imagens produzidos pela cultura colaboram na constituição das identidades. A cultura nacional, que procura despertar nos sujeitos um sentimento de pertencimento a um mesmo país, produz sentidos que evidenciam sua identidade cultural:

uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constróem identidades (Hall, 1999: 50-51).

Assim, os discursos construídos pelas telenovelas, ao produzir sentidos sobre o Brasil e sua realidade e ao suscitar identificações, colaboram na construção de uma identidade nacional. Se “a identidade é uma construção que se narra” (Canclini, 1996: 139), ela também é elaborada através das narrativas telenovelistas. É partindo desse entendimento do processo de constituição das identidades, que este estudo procura analisar o discurso de *Porto dos Milagres*, mostrando sua inserção na realidade social e seu posicionamento no discurso da identidade nacional.

3 O DISCURSO DE PORTO DOS MILAGRES

Eugênio Buccivii [6], por exemplo, admira-se diante da onipresença da televisão. “Ela está nas cozinhas”, diz ele, “nos banheiros, nos táxis, nas salas dos ministros e nas guaritas dos guardas-noturnos instaladas nas calçadas. Está nas farmácias, nos elevadores, nas margens das avenidas, nas moradias dos sem-teto improvisadas sob os pontilhões”. Em outro texto, mais recentemente, o mesmo Bucci reforça a constatação:

Depois de azular as janelas das grandes e das pequenas cidades, os televisores ganharam as ruas. Hoje não se encontra um boteco, padaria ou consultório dentário que não tenha um. Há até taxistas que trabalham com um olho no trânsito e outro na novela. E, nas esquinas escuras onde se come o suspeitíssimo cachorro-quente, pode-se assistir ao ‘Jornal Nacional’ e ser assaltado em tempo realviii [7] .

No momento, interessa-nos ampliar a problematização criada em torno da concepção usual da *situacionalidade doméstica* da televidência. Trata-se de tentar perceber, para efeitos de problematização, como tentativa de desnaturalização de hábitos interpretativos e de especulação quanto a novos espaços potenciais de avanços teórico-metodológicos, como o televisor vem também *transcendendo* o doméstico - mesmo em suas efetivas situações de uso.

Antes, é necessário sublinhar que a audiência televisiva é concebida, clássica e originalmente, como semelhante ao primeiro público do rádio - o núcleo familiar reunido em torno do novo (e mágico!) aparelho. Entretanto, a descrição etnográfica desta circunstância específica, ainda que tenha alcançado sofisticação e criatividade metodológica nos últimos anos (mais exatamente a partir de meados dos anos 80), corresponde hoje somente a uma prática singular de televidência. “El problema”, diz o pesquisador argentino Alejandro Grimson (1999, p.198), também dedicado ao tema, “consiste en universalizar sus conclusiones y volver teoría aquello que es un modo de consumo particular e históricamente situado”.

A televisão encontra-se então incorporada à retórica tecno-midiática que compõe a paisagem urbana contemporânea. Sendo assim, os estudos de audiência passam a requerer modos de entendimento sensíveis às novas dinâmicas de apropriação do meio televisivo no cenário da cidade e atentos, complementarmente, aos processos de televidência processados também *fora do lar*. ‘Naturalizado’, o vínculo televisão x recepção doméstica representa, na verdade, um recorte empírico apenas parcial num leque maior de situacionalidades televisivas. Não nos cabe, portanto - em nome de uma saudável ‘atitude problematizadora’ -, afirmar a existência de um âmbito ‘natural’ de “ver televisão”, mas apontar (e procurar entender) esta diversidade de situações que atravessam os vários modos de habitar a *urbe*.

Mais complexamente, como entende Bucci, a audiência televisiva passa a construir-se também em diferentes espaços, em tempos sobrepostos: espaços domésticos (mais fortemente salientes na prática da pesquisa) e espaços urbanos (as praças públicas, os bares de esquina, as casas noturnas, os locais de trabalho...); tempos biográficos e tempos regularizados; horários rígidos ou menos rigidamente controlados, etc. “La influencia de la televisión se desplaza y se difunde por la posición que ocupa dentro de esa multiplicidad de tiempos y espacios”, afirma Silverstone (1996, p.222). E continua: “sostengo que el campo de los estudios sobre la audiencia ha estado en permanente tensión porque no llegó a reconocer realmente esas diferencias en las posiciones que ocupan las audiencias en el espacio y en el tiempo, ni logró

incorporar en sus metodologías las diferencias que si reconoció” (Silverstone, 1996, p.222).

Difícilmente observáveis, dado o modo como se dispersam pelos espaços da cidade, pelo essencial nomadismo e pela irregularidade da audiência que configuram, estes inusuais contextos de assistência se insinuam sempre que o *uso* (e também o *consumo*) *material* do objeto televisivo é salientado. O próprio Martín-Barbero (2000, p.312-313) afirma que

o plural das lógicas do uso não se esgota na diferença social das classes, mas essa diferença articula as outras. Os *habitus de classe* atravessam os usos da televisão, os modos de ver, e se manifestam - observáveis etnograficamente - na organização do tempo e do espaço cotidianos: de que espaços as pessoas vêem televisão, privados ou públicos, a casa, o bar da esquina, o clube de bairro? E que lugar ocupa a televisão na casa, central ou marginal? Preside a sala onde se leva a vida 'social' ou se refugia no quarto de dormir, ou se esconde no armário, de onde a retiram apenas para ver algo muito especial.

Juntamente com Silverstone, Martín-Barbero e outros, o pesquisador dinamarquês Thomas Tufte também reconhece que essa 'esfera híbrida de significação' pode configurar um objeto central nas análises dos processos de mediação nas nossas vidas cotidianas. Referindo-se à pesquisa empírica realizada na periferia de Canoas - RS - sobre a recepção da telenovela *Rainha da Sucata* (Rede Globo - 1993), Tufte afirma que

o ato de assistir televisão acontece em situações sociais complexas, onde muitas pessoas (...) interagem de uma forma que resulta em uma outra compreensão (e constituição) de tempo, espaço e relações sociais. Este modo de vida permite atividades simultâneas e um espaço coletivo caótico saudável, (...) ver televisão ultrapassa o limite físico entre privado e público, representado pela porta da frente [da casa] (Tufte, 1997, p.298-299).

Particularmente, um hábito de assistência chamara a atenção do pesquisador dinamarquês: as famílias gaúchas com as quais conviveu, acompanhadas muitas vezes pelos vizinhos, por amigos ou demais familiares, sentavam-se em frente às casas, no espaço público das calçadas. A partir dali, através da porta entreaberta, das janelas escancaradas, todos acompanhavam o desenrolar das tramas televisivas. Um dos cenários mais corriqueiros de consumo da telenovela *Rainha da Sucata* (“*Rubbish Queen*”, para inglês ver), como atesta o relato de Tufte, problematiza ricamente a domesticidade convencional ou convencionalizada (talvez muito européia) do meio

televisivo. Entre a casa e a rua, na negociação e no ajuste entre dimensões simbólicas díspares, parece evidente a ocorrência de *situacionalidades híbridas*, compósitas ou fragmentárias. Ainda que pareça repousar sobre elas uma certa dificuldade metodológica. Convém reconhecer que há um *caráter tático*, como fala Ien Ang (*in* Silverstone; Hirsch, 1996), no hábito de ‘ver televisão’, que o articula e o apresenta de formas imprevisíveis e ingovernáveis, sempre eludindo, em alguma medida, a determinação industrial-tecnológica de que há uma forma *correta* de fazê-lo. Seria preciso, portanto, examinar mais sistematicamente a natureza destas condições de hibridismo, destes espaços fluídos de nossa cotidianidade televisiva.

A princípio, numa hipótese suficientemente larga e pacífica, poderíamos pensá-los como *marcadores* (de tempo, de localidade, de tarefas, etc) ou *conectores* de nossas práticas diárias nos centros urbanos. As mídias de massa - e a televisão entre elas, talvez ainda mais vistosamente - seriam instrumentos técnico-simbólicos capazes de ‘sincronizar’ os afazeres da sociabilidade, instaurando um pulsar rítmico reiterador de nossa macro-temporalidade social (Cf.: Baitello Jr., 1997).

Além disso, a inventividade e a variedade incontável do emprego material da mídia televisiva, suas diversas situações de *acoplagem* - como fala Hans Ulrich Gumbrecht -, suas sutis estratégias de povoamento do cotidiano, as impensáveis formas pelas quais se dispersa no espaço da cidade (como já ilustraram tantos outros!), conduzem-nos a um outro argumento de fundo: as tecnologias da comunicação - os significados das mídias, se quisermos - são os *usos materiais* que delas são feitos na vivência imediata dos atores sociais. Os meios, pensados assim, *material* e *pragmaticamente*, são aquilo que as culturas fazem deles.

Los medios - nos termos de Carolyn Marvin (*apud* Silverstone, 1996, p.142) - no son objetos naturales fijos; no tienen fronteras naturales. Son complejos conjuntos contruidos de costumbres, creencias y procedimientos que se incluyen en elaborados códigos culturales de comunicación. La historia de los medios es ni más ni menos que la historia de sus usos, que siempre nos desvían hacia las prácticas y los conflictos sociales que ellos ponen de relieve.

Os sentidos das tecnologias, também para Canclini (1998), se constroem conforme os modos pelos quais estas se institucionalizam e se socializam na vida cotidiana.

Eventualmente - no que parece desafiar nossos hábitos intelectuais (e nossa prática de pesquisa, inclusive) -, os objetos técnicos (e as tecnologias midiáticas, com certeza) se vêem desempenhando funcionalidades imprevistas e inesperadas, como se estivessem dotados de propriedades ou capacidades não consideradas no desenho ou no

projeto inicial a partir do qual foram concebidos (inventados, produzidos, industrializados, comercializados, etc). Em 1880, o engenheiro alemão E. von Harting formulou o que chamou de “lei da mudança de uso”, referindo-se exatamente a estes ‘fins não antecipados’, às constantes alterações de uso que, somadas, tornando-se mais e mais freqüentes, levariam à criação de novos tipos de instrumentos técnicos. Na formulação de von Harting ocorre um paralelo curioso entre a história das tecnologias e a história da lingüística: “a infinidade de pequenas variações”, as mudanças contínuas, as novas e surpreendentes ‘convenções’ gramaticais suscitadas pelo uso efetivo seriam o motor principal da evolução dos sistemas sígnicos e/ou, no caso, tecnológicos (ambos concebidos como *cadeias orgânicas evolutivas*). Por exemplo: cada um dos usos de uma palavra (seja na oralidade ou na escrita) *mudam* a língua de algum modo, afinal ela só existe enquanto entidade estrutural abstrata, enquanto idealização e potencialidade, digamos. Assim, toda e qualquer ocorrência (a *fala*, no sentido saussureano), ao concretizar a virtualidade do modelo, contribui também para testá-lo e ampliá-lo (sobretudo nos casos de maior inventividade, ineditismo, criticidade, etc). Mais freqüentemente, claro, as ocorrências são meras confirmações da modelização.

Algo de análogo ocorreria na dinâmica de implementação das tecnologias na vida diária: cada modo ou caso específicos de uso seriam também modificações potenciais de uma estandardizada *situação tecnológica global*. As tecnologias produzem-se assim na combinação entre engenharia e bricolagem, invenção e adaptação. A ‘Máquina Perfeita’, imagina o médico e epistemólogo francês Claude Bernard - seja qual for ela; seja qual for sua imagem ou sua serventia -, existiria livre e independentemente das influências do meio exterior (Cf.: Martins *in* Araújo, 1998, p.155-7).

Ao examinar a incidência de referenciais antropológicos (metodologias, instrumentos conceituais, etc) sobre o campo da Comunicação, Giovandro Ferreira (2002) refere igualmente à idéia de que as tecnologias (e, dentre elas, mais especialmente as tecnologias midiáticas, nosso mais caro objeto de estudo) só ganham concretude efetiva quando são ‘acomodadas’ ou ‘adaptadas’ pela cultura e pelas práticas cotidianas. As tecnologias (e a tevê, como tal) só se ‘institucionalizam’ - e adquirem sentido, portanto - na medida em que se inserem numa sucessão de *quadros de utilização*. Diz o texto:

Um dos primeiros quadros de utilização é o quadro demonstrativo de uma invenção, aquele quadro que busca justificar o investimento para a criação de uma nova tecnologia (Graham Bell argumentava e demonstrava a necessidade da criação do telefone para ouvir música!). Um segundo quadro de utilização será concebido pelos

engenheiros de produção, que irão, normalmente, articular a nova invenção com objetos próximos, que já são utilizados. Em seguida, novos quadros de utilização irão aparecer na busca de atender as expectativas do público através de pesquisa-desenvolvimento, *marketing*... Depois dessas etapas, ainda existem outras no interior do grande público até que a invenção se torne 'estável' (Ferreira, 2002, p.07).

A enorme e surpreendente diversidade de *quadros de utilização* do aparelho televisor, percebidos no cruzamento fortuito pelos espaços urbanos, não estaria contribuindo hoje para um certo 'refluxo de desestabilização' da domesticidade televisiva? Até que ponto podemos considerar a televisão como mídia *essencialmente* doméstica? Não é insuficiente, como faz Arlindo Machado no trecho citado acima (e que hoje nos parece bastante datado), ancorar a domesticidade e a privacidade televisuais em função sobretudo de uma particular configuração técnica (que continuaria sendo reprocessada e reinventada - industrial e culturalmente - ao longo dos últimos dez anos)? Em que medida é possível pensarmos a *situacionalidade da recepção televisiva* para além de seu confinamento no espaço seguro do lar? E como esta afirmativa às vezes tão categórica - sobre a *natural* domesticidade do meio - se coloca nas discussões sobre as fronteiras (progressivamente mais problemáticas) entre o espaço público e o espaço privado [8]? Que estratégias ou traços culturais são indicados pelas múltiplas apropriações feitas do meio nas práticas diárias da cidade (de Porto Alegre, por exemplo)? Que operacionalizações metodológicas e que sistematizações analíticas podem ser aplicadas a estas *situacionalidades limítrofes*, ocasionais e nômades, dispersas um tanto caoticamente no espaço público dos centros urbanos?

Assim, se “hay una indeterminación en el sistema tele-tecnológico precisamente en el punto en que la televisión cruza el umbral que separa la esfera pública de la esfera privada”, como sustenta Silverstone (1996, p.175), se “aun falta hacer un trabajo más detallado, particularmente sobre la biografía de estas tecnologías a partir del momento en que transponen el umbral de las casas y los hogares individuales” (Silverstone, 1996, p.171), mais do que necessário, parece também plenamente possível cartografar a potencial *androgina situacional* [9] do objeto televisivo, catalogando, no território da metrópole, estes “ambientes tecno-culturais”xi [10] , examinando-os conforme:

- 1) suas qualificações ou designações corriqueiras (espaço público, semi-público/semi-privado ou privado);
- 2) perfil da assistência - segundo as variáveis de gênero, classe, faixa etária, etc;
- 3) horários e situações mais frequentes de televidência;

- 4) condições gerais de assistência (espectador fixo vs. espectador móvel; assistência circunstancial vs. assistência voluntária; assistência paga vs. assistência gratuita; centro vs. bairro, etc);
- 5) montagem de cenas, convergências e inter-relações de artefatos;
- 6) interferências e inter-textualidades diversas;
- 7) agentes de regulação e controle;
- 8) temporalidades monocromáticas (priorizando horários “administrados” - rígidos, segmentados, pontuais, etc) vs. temporalidades policromáticas (caracterizadas pela realização simultânea de várias atividades)xii [11];
- 9) conteúdos e demais referencialidades culturais;

além, é claro, de outras variáveis que apenas o detalhamento etnográfico e sucessivas tentativas de observação sistemática podem suscitar.

3. A TEVÊ E SEUS ‘NOVOS TEATROS DE AÇÃO’. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz desta problematização, amparados neste protocolo inicial de observação e registro, talvez possamos decompor analiticamente aqueles que julgamos como “novos teatros de ação” nos quais o aparelho televisor também atua, transpondo assim seu confinamento estrutural no lar e disseminando-se cada vez mais pelo espaço público.

Dessa forma, ampliaria-se o entendimento relativo às *situacionalidades televisivas*. Entretanto - e isto só o acúmulo de boa prática empírica poderá referendar -, tais novidades talvez não configurem necessariamente “formas de assistência”, no sentido mais tradicional com que o termo é trabalhado pelas próprias pesquisas de audiência (como fixação relativamente concentrada, como disposição devotada à decodificação e ao processamento interpretativo, formador e sociabilizador de conteúdos emitidos). Antes, parece tratar-se de um tipo extremamente fragmentado e dispersivo de televidência. Suspeitamos ainda que o televisor figure como *adereço* *significante* num cenário em que se processam outras práticas, mais pregnantes e absorventes pela própria determinação das circunstâncias, tais como a espera e o repouso compulsório ou o deslocamento para o trabalho nos transportes coletivos, a realização das refeições nos bares ou nos restaurantes públicos, etc.

Poderíamos suspeitar que esta seria - justamente pela intensa aleatoriedade, pela excessiva fragmentação e pela própria dispersão que tipifica - a situação genuinamente televisiva em nossa atualidade? Se o *zapping* sempre foi um fenômeno

intrinsecamente televisual, seria sensato então supor que hoje nos defrontamos com uma forma de *zapping urbano*, dado também por nossas trajetórias e nossos usos cotidianos da cidade, pelo modo como vivenciamos e nos locomovemos num espaço social onde a televisão opera como elemento tópico - unidade às vezes nem tão discreta - num vasto panorama visual?

Assim, a *estrutura cognitiva* associada progressivamente à cultura das mídias e à larga proliferação das tecnologias informacionais (à listagem imprevisível de suas situações de uso) parece agora nos colocar diante de uma sensação visual análoga à sensação auditiva. As imagens televisivas, assim como os sons, estariam penetrando incontroladamente o indivíduo, independentemente de sua vontade, de sua espontânea, consciente e detida exposição à tevê. Pulverizado, o ato de assistir televisão parece encontrar-se mais do que nunca *estendido*, esparramando-se pelas diversas temporalidades e pelos infindáveis espaços que compõem o mosaico de nossas práticas cotidianas, de nossos modos de *ser* e *estar* na contemporaneidade.

Tudo leva a crer que, diante da disseminação das telas e das imagens televisivas, que pululam nos mais diversos espaços de nossa passagem, que irrompem num catálogo insólito e sempre surpreendente de contextos e situações, somos antes vítimas que senhores do nosso olhar. Disponibilizados em modelos cada vez mais versáteis, mais ricos em recursos e, sobretudo, mais baratos, os aparelhos televisores contribuem para esta “densidade cognitiva”. Conseqüentemente, insinuam-se novas formas de usar a tecnologia e novas funcionalidades lhe são atribuídas. A imagem televisiva passa a figurar como elemento decorativo ou mesmo como *visual ambiente*, instalando-se, talvez assim, mais profunda e despretensiosamente no inconsciente e no imaginário de nosso tempo.

BIBLIOGRAFIA

ANG, Ien. Las guerras de la sala de estar. Nuevas tecnologías, índices de audiencia y tácticas en el consumo de la televisión. in: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (orgs.). *Los Efectos de la Nueva Comunicación. El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia*. Barcelona: Bosch, 1996, p.193-211.

ARAÚJO, Hermes Reis de (org.). *Tecnociência e Cultura. Ensaio sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BAITELLO Jr., Norval. *O Animal que Parou os Relógios*. São Paulo: Annablume, 1997.
CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos Estudos Culturais. Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Paradigmas do campo comunicacional relacionados com a Antropologia. Trabalho apresentado no NP Teorias da Comunicação, no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Salvador - BA, 01 a 05 de setembro de 2002.

FORD, Aníbal. A tribo televisiva e o mercado da solidão. in: FORD, Aníbal. *Navegações. Comunicação, cultura e crise*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999, p.215-223.

GRIMSON, Alejandro; VARELA, Mirta. *Audiencias, Cultura y Poder. Estudios sobre la televisión*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires (EUDEBA), 1999.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed.34, 1998a.

_____. *Corpo e Forma. Ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998b.

HALL, Edward T. *La Dimensión Oculta. Enfoque antropológico del uso del espacio*. Madrid: Instituto de Estudios de la Administración Local, 1973.

LEAL, Ondina Fachel. *A Leitura Social da Novela das Oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LOPES, Maria Immacolta Vassalo de. A perspectiva teórica e metodológica das mediações. in: PERUZZO, Círcia Maria Krohling; PINHO, José Benedito (orgs.). *Comunicação e Multiculturalismo*. São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas - AM, 2001, p.233- 252.

LULL, James. *A China Ligada. Televisão, reforma e resistência*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

MACHADO, Arlindo. *A Arte do Vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1990, 2ª ed.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001, 2ª ed.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os Exercícios do Ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

ROCHA, João César de Castro. Homens e máquinas: metáforas de transporte. Por uma história nos períodos de transição. in: ROCHA, João César de Castro (org.). *Intersecções: a materialidade da comunicação*. Rio de Janeiro: Imago, Ed. UERJ, 1998, p.177-187.

SILVEIRA, Fabrício. Panorama da Recepção. *Revista Verso & Reverso*. Revista da Comunicação, ano XIII, n.29, 99/02, Centro de Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

SILVERSTONE, Roger. *Televisión y Vida Cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____; HIRSCH, Eric (orgs.). *Los Efectos de la Nueva Comunicación. El consumo de la moderna tecnología em el hogar y en la familia*. Barcelona: Bosch, 1996.

_____; HIRSCH, Eric; MORLEY, David. Tecnologías de la información y de la comunicación y la economía moral de la familia. in: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (orgs.). *Los Efectos de la Nueva Comunicación*. Barcelona: Bosch, 1996, p.39-57.

TUFTE, Thomas. Media ethnography. A method, a theory or an overall perspective? Paper presented at the XVIIIth Brazilian Congress on Media Research. Aracaju, Brazil, 6/10 of September, 23p., 1995.

_____. Questões a serem estudadas em estudos etnográficos de mídia: mediações e hibridização cultural na vida cotidiana. in: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Temas Contemporâneos em Comunicação*. São Paulo: EDICON/INTERCOM, 1997, p.291-318.

xiii[1] Jornalista (UFSM), mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Comunicação (UNISINOS/RS). E-mail: fabricio@icaro.unisinos.br

xiv[2] Em publicação recente, a pesquisadora gaúcha Ana Carolina Escosteguy coloca em paralelo o programa dos Estudos Culturais (representado mais centralmente por Stuart Hall) e a perspectiva latino-americana dedicada à recepção (capitaneada por Néstor Canclini e Jesús Martín-Barbero), examinando-os no compartilhamento que fazem de um objeto comum (as intrincadas relações entre comunicação e cultura) ou em termos de interferências múltiplas, de suas zonas teóricas de contato ou de afastamento. Entretanto, reconhece a autora, mais do que a estipulação de “textos canônicos” ou “fundadores”, trata-se apenas de indicar um bloco variado e disperso de trabalhos em função daqueles nomes que, no entendimento dominante, mais freqüentemente o representam. (Cf.: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos Estudos Culturais. Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001). Aqui, a remissão a textos “clássicos” de uma determinada tendência de estudos se faz com as mesmas ressalvas: os livros e os autores citados são relevantes pelo que representam, pela perspectiva genérica de investigação que materializam.

xv[3] Também recentemente, Maria Immacolata Vassallo de Lopes discutiu o caráter homogeneizador envolvido no rótulo dos “atuais estudos de recepção”. Segundo ela, o campo de pesquisa cujo interesse são os nexos entre os meios de comunicação e as audiências remonta aos estudos funcionalistas das primeiras cinco décadas do século passado (Pesquisa dos Efeitos, Usos e Gratificações), atravessando os estudos de crítica literária (a Estética da Recepção) e culminando, nas últimas décadas, nos Estudos Culturais e nos Estudos Latino-Americanos de Recepção. Existem filiações e desdobramentos, afinidades portanto, entre estes blocos de trabalho. Da mesma forma, existem divergências consideráveis e evidentes pontos de ruptura. “Se por um lado as diversas tradições teórico-metodológicas estão hoje convergindo para um ‘estado dinâmico de coexistência’, por outro, isso não tem levado necessariamente à construção de um quadro teórico interpretativo mais complexo que permita dar sentido propriamente

teórico ao extraordinário conjunto de evidências empíricas acumuladas sobre a relação entre meios e audiências”, diz Lopes (2001: 237-238). Referir aqui indistintamente a todos estes enfoques de trabalho, principalmente aos mais recentes, é empregar um critério de economia argumentativa. O debate sobre as sutilezas destas abordagens pode ser encontrado em ESCOSTEGUY (2001), LOPES (2001) e SILVEIRA (1999).

xvi[4] Como se percebe, há uma ambigüidade na expressão '*domesticidade*': refere tanto ao caráter daquilo que é *doméstico*, pertencente ao espaço do lar, próprio do mundo acolhedor e seguro da família, quanto àquilo que é *domesticado*, no sentido aparentemente mais tenso (e talvez mais político) do que é domado, acalmado e manso. Tais diferenças de sentido, por serem um tanto sutis, não configuram propriamente um 'paradoxo significativo' nem abrem caminhos interpretativos diametralmente opostos. Se assim fosse, nossa argumentação estaria comprometida. Tal dubiedade é salientada para que possamos vê-la não como um *problema*, que demandaria novas, mais refinadas e rigorosas definições, mas como *estratos de significação* e como *campo de projeções*, onde podemos, inclusive, fazer circular uma dose fina de ironia. Ao leitor não parece irônico que os Estudos de Recepção, tão empenhados em afirmar a *atividade* (crítica, tensionadora e construtiva) do receptor estejam ancorados, empiricamente, numa imagem de *domesticidade* da assistência? Para além do exercício retórico e da provocação sarcástica, importa, claro, sublinhar que o termo refere aqui à qualidade daquilo que é doméstico, que diz respeito ao lar, à casa e à vida em família.

xvii[5] *Mediações* podem ser entendidas como instâncias estruturantes que configuram e reconfiguram a interação dos públicos com os meios de massa e o 'quadro de experiências' dentro do qual esta interação *ganha* e *faz* sentido. Para Martín-Barbero, que deflagra a discussão sobre o conceito, as mediações são o pano de fundo sob o qual os produtos massivos atuam, são os elementos que compõem a trama cultural onde as apropriações dos receptores são feitas e processadas.

xviii[6] BUCCI, Eugênio. A cidade imaginária. Folha de São Paulo, São Paulo, 1º de setembro de 2002, Caderno *TVFolha*, pág. 02.

xix[7] BUCCI, Eugênio. O espelho. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de janeiro de 2003, Caderno *TVFolha*, pág. 02.

xx[8] Boa discussão conceitual sobre a noção de “espaço público” e suas derivações (espaço público moderno, espaço público político, espaço público x espaço privado, espaço público mediatizado, etc) encontra-se em GOMES, Wilson. Esfera pública política e *media*: com Habermas, contra Habermas. in: RUBIM, Antônio Albino C.; BENTZ, Ione Maria G.; PINTO, Milton José (orgs.). *Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.155-186. Entretanto, nosso objetivo não é aprofundar, como faz Gomes, a dimensão política da discussão sobre a constituição do espaço público a partir dos meios de comunicação.

xxi[9] O termo, formulado por Joshua Meyrowitz, é empregado também por Silverstone (Cf.: SILVERSTONE, Roger. *Televisión y Vida Cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996).

xxii[10] Em *Evolução e Técnicas* (tomos 1 e 2), o antropólogo francês André Lerói-Gourhan relaciona as técnicas e os artefatos culturais aos ambientes (geográficos, inclusive) em que

surgem e são aplicados. À margem do marxismo, o autor desenvolve uma antropologia das forças produtivas, sublinhando o lugar central que elas ocupam na história das civilizações. Neste contexto, é formulado o conceito de *meio técnico-ambiental*. A expressão “ambientes tecnoculturais” gostaria de parecer uma evocação descompromissada ao conceito formulado por Lerói-Gourhan (Cf.: LERÓI-GOURHAN, André. *Evolução e Técnicas. 1. O homem e a matéria.; e Evolução e Técnicas 2. O meio e as técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1984).

xxiii[11] As noções de “temporalidade monocromática” e “temporalidade policromática” são desenvolvidas por Hall em *La Dimensión Oculta* (Cf.: HALL, Edward T. *La Dimensión Oculta. Enfoque antropológico del uso del espacio*. Madrid: Instituto de Estudios de la Administración Local, 1973).

Copyright (c) 2003 Autor(es) / Copyright (c) 2003 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in
research, educational and non-commercial activities.

